Jornal A Classe Operária
Rio de Janeiro, 14 de junho de 1947, ano II, nº 77

Debates Sôbre o Petróleo

Defenderemos Contra Os Trustes As Nossas Jazidas De Petróleo

As opiniões do general Juarez Tavora e do sr. Odilon Braga não refletem os interêsses do povo Brasileiro

Quarta-feira, 11, o general Juarez Távora fêz no Clube Militar a última de uma série de conferências sôbre o petróleo no Brasil. No "O Jornal" de domingo, 8, outro membro da Comissão de Legislação do Petróleo, o ex-ministro da Agricultura, sr. Odilon Braga, focalizava, em entrevista, o mesmo importante assunto.

São opiniões de dois homens responsáveis pela elaboração de um ante-projeto de Estatuto do Petróleo que chegam até o povo e mostram qual a orientação que está sendo seguida na elaboração de um projeto de lei que poderá decidir da sorte de uma das mais importantes fontes de riqueza do nosso país.

O interêsse com que foi recebida a conferência do general Távora, as perguntas que lhe foram dirigidas, revelaram quanto o povo brasileiro é cioso de sua independência política e de sua emancipação econômica. Isso pelo menos deve ter sido constatado pelo conferencista no seu contacto com pessoas das diversas classes sociais. Aliás, o fato do general Távora trazer o debate a público revela que há também interêsse de sua parte para auscultar a massa, verificar de perto como os homens do povo estão pensando sôbre o problema do petróleo, que neste momento empolga todo o país. Isto poderá ser de grande utilidade para o prosseguimento de seu trabalho de membro da Comissão de Legislação do Petróleo, fazendo com que s. s. modifique seu ponto de vista sôbre diversos aspectos do assunto em debate.

No entanto, devemos confessar que o general Távora demonstrou quase intransigência nas principais conclusões a que já chegou. E muito dificilmente tomará rumos diversos dos que já se traçou. De início, o general Tavora se penitencia hoje do seu trabalho de há 17 anos passados na elaboração do Código de Minas, achando que, conhecendo melhor a realidade mundial e brasileira, evoluiu e já não é um "jacobinista" em tais assuntos. Assim, ficou clara a sua conferência que defender intransigentemente a soberania nacional, opôr-se à entrega das nossas riquezas aos grandes trustes internacionais — é ser Jacobino. E o general prefere então ser — "liberal".

Mas da conferência do Clube Militar se conclui que para o general Távora ser "liberal" é preciso simplesmente abrir as portas do país às emprêsas monopolistas, aos grandes trustes norte-americanos que há tanto lutam pelo domínio do nosso petróleo e que se consideram agora vitoriosos.

O general Távora ainda é um pessimista em relação ao nosso petróleo. E' outra conclusão que nos deixou a sua conferência. Falando embora em 3 milhões de quilômetros quadrados de terrenos "provàvelmente petrolíferos" em nosso país, o general Távora não vê no entanto nenhum indício de que possamos produzir petróleo "comercialmente", isto é, em condições suficientes para justificar uma exploração continuada e intensa. Carrega s. s. o velho ranço daqueles que categòricamente afirmavam a não existência do petróleo no Brasil, como o engenheiro Oton Leonardos e outros "pessimistas" por profissão. O pessimismo do general Távora talvez será resultante apenas da não evidência de uma produção superior, na Bahia, e da não localização de novos campos petrolíferos noutras regiões.

Não leva em conta s. s. que praticamente a exploração do nosso petróleo tem sido sabotada, mesmo depois de haver o sr. Oscar Cordeiro conseguido as primeiras amostras de Lobato, quando os "pessimistas" profissionais caluniaram aquêle pesquisador, afirmando que as amostras em apreço eram provenientes do Uruguai. Na prática, continuou o nosso petróleo sabotado, mesmo depois de haver aparecido em relativa abundância, a 21 de janeiro de 1939, em Lobato. Passaram-se desde então 8 anos, e que fizeram o govêrno Vargas ou o govêrno Dutra para intensificar a exploração e as pesquisas? Umas miseráveis sondas, inclusive das de tipo mais primitivo, eram utilizadas para as sondagens. Enquanto isso, o engenheiro norte-americano Glen Ruby afirmava, já em 1942: "*Brasil, para ser convenientemente abastecido, precisa receber pelo menos um navio tanque por dia, contendo cêrca de 5.000 toneladas de petróleo. Entretanto, bastaria que três navios tanques carregassem o mesmo número de toneladas em tubulações, perfuratrizes, aparelhamentos de pesquisas e equipamentos para refinarias, e nunca mais precisariam retornar ao Brasil*".

Mas existe um "agreement" assinado entre a Standard e

(Conclui na 7.ª pág.)

COMO LUTOU O MEXICO

CONTRA OS TRUSTES DE PETRÓLEO

RUI FACÓ

Nos debates travados nestas últimas semanas em tôrno do petróleo em nosso país, têm vindo à baila exemplos de outros países na solução do mesmo problema, sobretudo a nacionalização do petróleo argentino e a expropriação do petróleo mexicano, ao tempo de Cárdenas. Infelizmente, êsses exemplos não são aprofundados para que possam servir de orientação aos que se interessam por um dos assuntos mais importantes do momento.

jornalista RUI FACÓ

Não está portanto fóra de propósito relembrar alguns fatos salientes da questão petrolífera mexicana, que foi uma verdadeira batalha entre os interêsses nacionais de um país semi-colonial e o imperialismo norte-americano e inglês. A Inglaterra criou uma questão internacional e romtuação chegou a tal ponto que o govêrno da Inpeu relações com o govêrno do México, acusando-o violentamente. Era a mais cínica proteção aos interêsses de emprêsas imperialistas pelo govêrno reacionário da Inglaterra, que entretanto fazia as mais infames concessões a Hitler e Mussolini, estimulando-os à guerra contra a União Soviética.

Enquanto isso, procurando igual proteção do govêrno dos Estados Unidos, a Standard desencadeou contra o govêrno mexicano, suas leis e o próprio povo mexicano a mais sórdida campanha de calúnias e mentiras, tratando, em última análise, de fazer prevalecer suas imposições sôbre a própria Constituição do México.

O govêrno de Cárdenas, corajosamente, porque apoiado por tôdas as fôrças progressistas do país, em particular pela classe operária e os trabalhadores mais diretamente explorados das companhias petrolíferas, desmascarou tôda a trama de intrigas tecida pela Standard numa custosa propaganda na imprensa reacionária do México, em folhetos e sobretudo através das agências telegráficas dos Estados Unidos, visando, como então declarou em documento o govêrno de Cárdenas, justificar a intervenção oficial do govêrno respectivo, "tão continua e imperiosamente exigida".

Determinada a expropriação, por meios legais, o govêrno mexicano autorizou o pagamento às companhias expropriadas, depois de avaliadas as suas propriedades de acôrdo com documentos das próprias emprêsas. Estas, no entanto, recusaram receber as indenizações e em seguida alegaram que o govêrno do México não queria nem podia pagar-lhes. Acusaram o ato do govêrno mexicano de "confisco" e não expropriação.

Sem meias palavras, o documento então divulgado pelo govêrno do México afirmava que "as companhias expropriadas, baseando-se exclusivamente em sua poderosa organização econômica e no apôio que, de modo sistemático, ainda que sem o conseguir às vezes, sollcitam de seus governos, podem permitir-se que, além de obter um lucro desproporcional às suas inversões, desrespeitem as leis do país, não reconheçam o mandato das autoridades legítimas, paguem os impostos que lhes convêm, mantenham uma situação privilegiada e especial em relação às condições de trabalho e pretendam tratar, em suma, aos governos da América com métodos mais deprimentes que os que empregam nos países coloniais."

E acrescentava o documentário do govêrno mexicano:

"Quando o México, em defesa de seus direitos essenciais como Nação independente, resiste e repele tais ultrajes à sua soberania e dignidade, as empresas petrolíferas... procuram, por todos os meios, enganar a opinião pública, recorrendo a uma custosa e intensa propaganda; pressionam, ameaçando com duras represálias, aos manufatureiros americanos... para evitar que vendam seus produtos ao México... fomentam a discórdia para perturbar as boas relações de povos e governos..."

E realmente, já nessa época, casas comerciais e fábricas americanas, em represália pela expropriação das empresas petrolíferas, recusavam fornecer seus produtos a firmas mexicanas a exploração da riqueza petrolífera do país pelos nacionais. Ainda hoje o México sofre as consequências dessa política, que tem por finalidade baixar a produção do petróleo mexicano e forçar o govêrno a recuar da posição de Cárdenas, restabelecendo privilégios e vantagens ilimitadas às empresas imperialistas.

Ao mesmo tempo, a Standard e demais companhias estrangeiras faziam exigências tais que sua aceitação — argumentava o govêrno mexicano — significaria a passagem a um regime corporativo, fascista, que imporia aos trabalhadores mexicanos condições de trabalho que seus exploradores considerassem mais convenientes.

Conhecendo êstes fatos de há dez anos passados, não nos surpreende que o govêrno Dutra tenha necessidade de converter-se numa ditadura, intervir nos sindicatos operários, fechar as uniões sindicais e a Confederação dos Trabalhadores e levar o Partido Comunista à ilegalidade. Teria fatalmente que trilhar êste caminho, desde que cedera à pressão dos imperialistas norte-americanos e resolvera, revendo o nosso Código de Minas, entregar-lhes a exploração das nossas jazidas de petróleo. Para implantarem efetivamente o seu domínio em nossa Pátria, os imperialistas deverão recorrer inclusive a leis trabalhistas do "Estado Novo" e forçar a elaboração de outras leis que lhes permitam utilizar da melhor forma possível a fôrça de trabalho em nosso país. Assim acontece em todos os países onde o petróleo e outras riquezas fundamentais se encontram em poder dos imperialistas. Assim ocorreu também no México, segundo a denúncia feita então pelo govêrno de Cardenas, que lançou sôbre as companhias petrolíferas esta acusação:

"Abusando de uma situação a que estavam acostumadas, não só de privilégio mas de verdadeira libertinagem na exploração dessa riqueza nacional, declararam-se desde en-

(Conclui na 7.ª pág.)

10 — Na reunião de seu Partido, o Partido Comunista, vanguarda do proletariado e do povo, Prestes é o grande mestre que já se revelara desde a juventude, o professor que ensina a seus discípulos como lutar por melhores dias para o nosso povo, como lutar pelo conquista de um futuro digno para a nossa Pátria.

11 — Na Assembléia Constituinte, o Senador do Povo focalisa genialmente os principais problemas do povo, apontando as soluções justas para êsses problemas. Faz agora um ano que Prestes pronunciou um de seus mais famosos discursos, versando o problema da terra e mostrando que sòmente através da reforma agrária iniciamos a libertação da grande maioria da população do país e daremos um golpe de morte na base da reação.

12 — Mas os latifundios continuam, e sôbre êles se apoiam os restos do fascismo, os agentes do imperialismo, a Ditadura Dutra, hoje, como a Ditadura getulista, ontem. Mais uma vez a democracia é golpeada por antigos pré-nazistas, como Dutra, Alcio Souza, Canrobert, Góis Monteiro, Costa Neto e meia dúzia de outros inimigos dos trabalhadores e do povo. Os trabalhadores e o povo sabem no entanto que o eclipse atual da democracia em nosso país será passageiro. E confiam, mais do que nunca, em Prestes, porque sabem que o futuro pertence ao povo e não aos tiranos.

ARMOR-MILANO
ARCHIVO EDGARD LEUENROTH
MOVIMENTO OPERARIO BRASILEIRO